



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
<http://www.cecs.uminho.pt>

Prefácio*

Zara Pinto Coelho

Professora Auxiliar

zara@ics.uminho.pt

Universidade do Minho
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Campus de Gualtar
4710-057 Braga
Portugal

*PINTO-COELHO, M. Z. S., Prefácio *in* Teun van Dijk , (2005) *Discurso, Notícia e Ideologia*.
Porto: Colecção Comunicação e Sociedade, Campo das Letras.

Dizia Eduardo Prado Coelho aqui há tempos no Público (13 de Dezembro 2003) que “a lógica das traduções é muito surpreendente”. Dizia-o a propósito da iniciativa da editora da Universidade Federal de Minas Gerais de publicar um conjunto de textos fundamentais de Stuart Hall, um nome essencial dos *Cultural Studies* com uma influência notável em todo o mundo. Poderíamos tecer considerações semelhantes sobre o pensador que a Coleção “Comunicação e Sociedade” do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho quer apresentar agora aos leitores portugueses: Teun van Dijk.

De facto, tirando um texto publicado pela Caminho em 1997 numa obra organizada por Emília Ribeiro Pedro para dar a conhecer a *Análise Crítica do Discurso*, van Dijk é um autor que não chega a existir para os leitores portugueses. No entanto, no quadro de disciplinas várias como são as Ciências da Comunicação, a Psicologia, a Educação, e as Ciências da Linguagem, trata-se sem dúvida de um nome fundamental e a sua vastíssima obra é reconhecidamente importante. E, como é natural, suscita polémicas (às vezes mesmo ódios) na proporção da sua crescente influência. Publicando a um ritmo acelerado, tem hoje mais de trinta livros importantes editados. Está traduzido em espanhol, alemão, no Brasil e (sobretudo) em inglês – Teun Adrianus van Dijk nasceu na Holanda –, mas não em França e não em Portugal.

Curiosamente foi em França – como os leitores terão oportunidade de ler num texto onde Teun van Dijk se apresenta aos seus amigos e colegas argentinos – que este pensador viveu um dos momentos críticos do seu percurso teórico. Estudante de língua e de literatura francesa e jovem estruturalista na França dos anos 60, especialmente interessado na poesia surrealista, também ele fez parte dos muitos autores fortemente influenciados pela poética e semiótica francesa (no seu caso particular, pela *Semântica Estrutural* de Greimas). Mas este seu primeiro amor académico não resistiu à novidade vinda lá do outro lado do Atlântico nos finais dos anos 60: Noam Chomsky e a gramática generativa transformacional. Como nos conta Teun van Dijk, a propósito dos acontecimentos envolvidos nesta

viragem teórica em direcção à gramática do texto, esta ruptura implicou também novas colaborações com amigos e colegas alemães, como por exemplo, Janes Petofi ou Hannes Rieser. Mas não ficou por aí. Cedo deixou de encontrar na Linguística respostas e apoio à sua vontade de compreender a natureza e o funcionamento da linguagem e se virou para a psicologia em busca de inspiração e apoio. Foi assim que conheceu Walter Kintsch, um psicólogo americano de origem austríaca com quem colaborou cerca de dez anos, ao mesmo tempo que escrevia os livros *Texto e Contexto* (1971) e *Estudos sobre a Pragmática do Discurso* (1981). Juntamente com ele produziu um trabalho cognitivo sobre discurso introduzindo a noção de modelo (da situação e contextual) que permitiu explicar muitas coisas que até então ainda permaneciam obscuras ou ignoradas na gramática do texto (*Estratégias da Compreensão do Discurso*, van Dijk & Kintsch, 1983).

Quem teve o privilégio de ser sua aluna sabe que Teun van Dijk não se caracteriza apenas por uma imensa curiosidade intelectual e espírito inovador que o faz preferir o risco ao conforto dos caminhos percorridos e que o levam, como ele mesmo diz, a observar nos limites de campos e disciplinas novos fenómenos e a desenvolver novos projectos. Caracteriza-se também pela sua disponibilidade para objectivos sociais orientados para aqueles que mais precisam, nomeadamente estudantes, investigadores e universidades excluídas ou à margem dos grandes centros de decisão (por exemplo, da América Latina, Brasil, Palestina) e pela sua participação activa em movimentos académicos e sociais de defesa dos interesses das minorias. Teun van Dijk diz-nos neste livro que a certa altura do seu percurso, precisamente depois de uma das suas experiências de leccionação prolongada no colégio do México nos anos 80, sentiu necessidade de mudar a sua prática concreta e o seu lugar, orientando as suas reflexões teóricas de natureza interdisciplinar para a compreensão de problemas sociais e políticos concretos das sociedades actuais. Foi assim que deu início a uma série de projectos de longa duração a partir dos quais pretendeu estudar o modo como o racismo se expressa, reproduz e legitima através do texto e fala. Um projecto maior centrou-se na Holanda e na Califórnia, na forma como nas

conversas de todos os dias as maiorias brancas falam acerca das minorias étnicas, imigrantes e refugiados e sobre as gentes dos Sul em geral. Deste projecto saiu um livro que constitui referência obrigatória nos estudos sobre discurso racista e preconceito étnico (*Comunicando o Racismo Preconceito Étnico no pensamento e na fala*, 1987). Nos estudos seguintes centrou-se no texto e fala institucional e da elite, nomeadamente na imprensa (um dos projectos maiores e também mais conhecido de que resultou a obra *Racismo e Imprensa*, 1991), nos manuais escolares, nos debates parlamentares, e no discurso corporativo. Demonstrou que todos estes géneros distintos do discurso da elite e formas de discursos dominantes apresentavam muitas semelhanças. Para além dos estereótipos e preconceitos ideológicos, também verificou muitos estereótipos textuais nos modos como tendem a descrever as minorias e as relações étnicas. A estratégia principal no texto e fala é a da auto-apresentação positiva e a da apresentação negativa do outro. Quer isto dizer que as elites se apresentam sempre a si mesmas como tolerantes e modernas negando, ou pelo menos mitigando o “nosso” racismo, ao mesmo tempo que se focalizam nas características negativas dos outros. Se há racismo na “nossa sociedade” então é um fenómeno que se deverá procurar nos guetos urbanos, nos brancos pobres e nunca nas elites das salas das redacções, das salas de reuniões ou nos Parlamentos. Portanto, ao mesmo tempo que as elites se apresentam a si mesmas de uma forma positiva, culpabilizam também as vítimas sociais.

Van Dijk com estes estudos mostra que o racismo é, de facto, um problema nosso no sentido em que nós fazemos parte do problema. E nós não significa apenas nós, nós brancos, mas também, se não especialmente, nós membros da elite branca, ou nós académicos brancos. Claro que esta posição de van Dijk, que nos torna a todos mais responsáveis pela existência e perpetuação do racismo, suscitou reacções apaixonadas. Já em 1966 Howard Becker chamava a atenção para o facto de que o sociólogo só é geralmente acusado de parcialidade e de distorção quando mostra simpatia para com os subordinados. E Teun van Dijk, apesar de não ser sociólogo, não constitui excepção. Por exemplo, no seu país natal as críticas que teceu

ao discurso da imprensa traduziram-se por actos de censura e de obstrução ao desenvolvimento da sua investigação da parte de um conhecido e prestigiado título da imprensa nacional (*Volkskrant*). Este tipo de reacções são vistas pelo autor como sendo simultaneamente mais um indicador da urgência e da necessidade deste tipo de trabalhos que privilegiam diferentes pontos de vista, e também como mais um desafio intelectual na medida em que este tipo de trabalho para ser aceite tem de ser melhor do que os outros. Isto exige da parte do cientista um maior empenhamento e entrega e também, claro, uma consciência aguda dos seus limites. Como o autor sublinha num dos capítulos deste livro, essa consciência implica, por exemplo, não ter receio de cometer erros. Esse pode ser o “preço a pagar” ou, se quisermos, o risco inerente às explorações originais em territórios virgens, à experimentação criativa e à juventude das disciplinas novas.

Em meados dos anos 80 e inícios dos anos 90 Teun van Dijk lançou-se, juntamente com mais alguns professores europeus notáveis vindos da análise do discurso e disciplinas relacionadas, em mais um projecto: fazer da análise do discurso uma análise crítica. Ou seja, um tipo de análise de discurso que através de uma escolha específica de tópicos, problemas, questões e valores contribuísse para aprofundar o conhecimento das relações entre discurso, poder e ideologia. Não apenas para saber mais sobre o assunto, mas para produzir um tipo de conhecimento que valorize o ponto de vista, experiências e opiniões das minorias sem poder (definidas pelo eixo do género, etnias, classe, idade, nacionalidade, religião, etc.) e que possa levar a uma mudança emancipatória. Estamos portanto a falar da partilha de uma mesma atitude dissidente ou, usando as palavras de van Dijk, da partilha de uma perspectiva, de um modo diferente de teorizar e de aplicar através de todo o campo em que os analistas tomam uma posição explícita e querem assim compreender, expor e, por último, resistir à desigualdade social. Esta dissidência implica uma posição epistemológica específica da parte dos investigadores da análise crítica do discurso (ACD): em vez de negarem ou de ignorarem as relações entre ciência e sociedade, não só as levam em conta como fazem dessa reflexão uma parte inerente das suas práticas de análise. O

reconhecimento das bases sociais do conhecimento e a reflexividade que motiva implica duas tomadas de posição fundamentais: por um lado, o afastar da ideia clássica do papel do crítico na posição externa como árbitro do jogo uma vez que todos, de uma forma ou de outra, estamos envolvidos naquilo que iremos julgar; e, por outro lado, acreditar que é socialmente possível haver um conhecimento mais válido, mais relevante e útil para as minorias, afastando assim simultaneamente os espectros do “rei filósofo” e o do relativismo pós moderno:² De uma forma mais lacta, poderemos considerar que a ACD é uma parte da auto-consciência crítica da linguagem amplamente difundida na vida social contemporânea e também da reflexividade que caracteriza a nossa vida quotidiana.

Com filiações teóricas variadas e pontos de vista diferentes, os analistas críticos do discurso trabalham com textos e interacções reais, mas também com imagens visuais, focando-se na forma como as linguagens são usadas em interacções concretas, social e historicamente situadas. Trabalham de facto com qualquer tipo de material semiótico mas o seu ponto de partida são, como referi acima, assuntos sociais e problemas que preocupam sociólogos, educadores e cientistas políticos, por exemplo, o fosso Norte-Sul, os efeitos negativos da nova ordem global neo-liberal, o anti-semitismo, o sexismo, o nacionalismo. Por isso se pode dizer que os problemas que formulam são de alguma forma problemas novos cuja resolução implica um diálogo entre disciplinas preocupadas com a análise linguística e semiótica e disciplinas preocupadas com a teorização e investigação de processos sociais. O analista crítico do discurso que agora introduzimos aos leitores portugueses, Teun van Dijk tem a particularidade de incluir na sua teoria de discurso também uma dimensão cognitiva. Como ele próprio afirma, embora seja incorrecto

² O desenvolvimento deste projecto foi estimulado por encontros com estudantes e professores do Sul no campo da comunicação e dos estudos do discurso e pelo sistema europeu de redes Erasmus. Uma dessas redes ligou linguistas críticos e analistas do discurso em Londres, Lancaster, Linköping, Viena de Áustria, Madrid, Duisburg, Lisboa, Atenas e Amsterdão. Criada em 1993, esta rede europeia já não existe, mantendo-se ainda viva uma lista na internet (CRITICS-L). No entanto, a semente que lançou foi frutífera. Destacamos o lançamento de duas revistas: a primeira em 1997, pela Sage, *Discourse & Society*, que Teun van Dijk dirigiu durante cerca de ?? anos; a segunda em 2003, pela Routledge, *Critical Discourse Studies*. Mais recentemente, importa referir a organização da primeira conferência internacional de análise crítica do discurso que reuniu mais de 300 analistas críticos de todo o mundo em Valência, Espanha.

falarmos de uma forma de fazer análise crítica do discurso à van Dijk, é verdade que podemos distinguir o seu trabalho no quadro da Análise crítica do Discurso precisamente pelo enfoque sócio-cognitivo na teorização sobre as relações intrincadas entre texto-contexto. Na sua perspectiva, uma análise de discurso adequada requer uma análise detalhada da organização verbal e paraverbal de eventos comunicativos e uma análise detalhada cognitiva e social, e apenas uma integração destas abordagens tem validade descritiva, explicativa e especialmente crítica no estudo dos assuntos e problemas sociais.

Antes de passarmos a palavra ao autor que irá introduzir esta obra, importa dizer que o destinatário deste livro é um público vasto e variado dada a interdisciplinariedade característica da Análise Crítica do Discurso e do trabalho desenvolvido por Teun van Dijk. Será especialmente útil para as áreas ligadas ao jornalismo e à Comunicação Social em geral, pois poderá contribuir para reformular questões clássicas ligadas à ideologia e ao poder dos *media* e dos seus “conteúdos”, cuja acuidade tanto se faz sentir no ambiente de guerra em que vivemos actualmente. Como é característico da ACD, o autor ilustra a sua argumentação com textos publicados em títulos da imprensa internacional (por exemplo, New York Time; Washington Post) a propósito de assuntos socialmente relevantes ou de acontecimentos políticos que todos temos na memória.

Trata-se portanto de um pensador cujo percurso, obra e *praxis* académica e científica evidenciam uma consistência entre uma sensibilidade política refinada e prática de cidadãos, prática científica